

Pauta: Abandono de cães bravios e as consequências ao município e à sociedade

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): (10h11min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM. Muito bom dia, estamos ao vivo na TVCâmara, vamos dar início, então, à nossa pauta de hoje, que foi solicitada pela nossa colega, Ver.^a Lourdes Sprenger. Temos a presença da Ver.^a Lourdes, Ver.^a Cláudia Araújo, Ver. Oliboni, Ver.^a Psicóloga Tanise Sabino. Abandono de cães bravios e as consequências ao Município e à sociedade é a pauta sugerida pela Ver.^a Lourdes. Convido, por gentileza, a compor a Mesa a Dra. Fabrícia, da Procuradoria-Geral do Município; a Sra. Patrícia Martins, do Gabinete da Causa Animal; a Sra. Tânia Speroni, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade; o sargento Homero, representando a Patram; a Dra. Vanessa Rodrigues, representando a OAB; a Sra. Alice de Leon, da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul; o delegado Vinícius, da 2ª Delegacia; o delegado Luciano, da 5ª Delegacia; o Dr. Cesar Carrion, da 15ª Delegacia. Queremos agradecer aqui a presença do Sr. Tiago, representando a EPTC, e do Sr. Xavier, da Guarda Municipal, e a todos os convidados que aqui estão. De imediato, a Ver.^a Lourdes Sprenger, proponente desta pauta, está com a palavra.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Esta reunião tem a finalidade de buscar a discussão, em primeiro lugar, e depois encaminhamentos que nós possamos mudar um pouco o quadro existente. Então, respondendo ao Ver. Oliboni, por que três delegados, é porque nós temos, no Estado, o selo Delegacia de Polícia Amiga dos Animais, e nós temos três delegacias que nos ajudam. Mas nós também sofremos a contrapartida dos encaminhamentos, as denúncias chegam, as ações são feitas, não só na denúncia, mas sim presencial. E nós temos esse grande desafio que é como reencaminhar os animais, principalmente esses animais bravios, e estão nos pressionando muito, animais que colocam amarrados nos locais, que abandonam, que colocam em risco a população e os

outros animais. E, muitas vezes, o tutor não sabe que ele é responsável pelo animal e pelos atos cometidos, e nós temos procurado fazer essa divulgação, mas nem sempre se conseguem resultados. Então, hoje nós vamos tratar dessa questão, de um projeto piloto que nós temos, também ouvir todos os atores desta questão. Temos aqui também a presença do K9 Trainer Dogs, que é um grupo de adestradores baixo custo, que também vão auxiliar nesses manejos, que poderão auxiliar as pessoas também que estiverem com animal nesta situação e não sabem como resgatar.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Acho que é um tema bastante preocupante eu diria, e também orientativo, até porque nós estamos pela TVCâmara e muitos cidadãos interagem conosco. É importante saber como o cidadão age numa situação delicada, como a própria Ver.^a Lourdes diz, quando se encontra na rua um cão bravo, e que, infelizmente, o tutor acaba, vamos dizer assim, amarrando numa árvore, tomando uma atitude desleal e estranha uma vez que ele é o tutor do animal.

Além disso, a legislação, como ela procede? Quem é que tem o poder de polícia? É o poder público Municipal? Nós aprovamos aqui uma lei há muito tempo, acho que foi em 2012, sobre isso, mas o poder público diz que não tem condições. Nós queremos interagir aqui para poder orientar bem o cidadão que é a nossa missão aqui, eu diria, enquanto Câmara de Vereadores. Muito obrigado.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Diante disso, Ver. Oliboni, quero convidar para fazer parte da Mesa dois órgãos da Prefeitura que ajudam a fiscalizar: da EPTC, o Tiago, e da Guarda Municipal, o Xavier, por gentileza. Ver.^a Tanise Sabino.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (PTB): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Em nome aqui da Mesa, quero saudar também meu querido amigo delegado Carrion, alegria em te ver, e também compartilhar,

Ver.^a Lourdes, que nós estamos no mês do Dezembro Verde, que é o mês de conscientização de abandono de animais.

Este mês foi escolhido justamente porque muitas famílias, nesse mês é comum fazerem viagens, enfim, ir de malas para a praia ou para algum outro local de férias, e abandonar os seus *pets*, os seus cachorros, os seus gatinhos, enfim. Então, o número de abandono de animais no Brasil aumenta todo final de ano, por isso foi criado o Dezembro Verde.

O Dezembro Verde, então, é uma campanha nacional de conscientização sobre o abandono de animais. Um animal abandonado fica sujeito a sofrer acidentes, a ficar doente e assustado, e pode morder uma pessoa, ou outro animal que esteja passeando com o seu tutor. Além disso, pode perpetuar algumas zoonoses. Então, o abandono de animais é crime. E por que o abandono é crime? Porque é um crime previsto em lei contra crimes ambientais, Lei nº 9.605 de 1998, em seu art. 32, com pena de dois a cinco anos, com multa e proibição de nova guarda de animais. Além disso, caso ocorra morte do animal por causa de abandono, que é considerado uma forma de maus-tratos, a lei de abandono de animais prevê que a pena seja mais severa e aumentada de um sexto a um terço.

Então, os dados são alarmantes, o número total de animais de estimação no Brasil, de acordo com o levantamento do Instituto Pet Brasil, de 2021, é de aproximadamente 150 milhões, e a gente vê que, a cada ano, o número de animais abandonados cresce. Chegou já a 185 mil animais sob tutela de organizações não governamentais ou de protetores.

De acordo com os estudos, a maioria dos motivos para o abandono se direciona a quatro fatores: impulsividade na hora de adotar, falta de conhecimento sobre as necessidades do animal, falta do controle de natalidade, falta de planejamento a longo prazo, e falta de planejamento de rotina, de dinheiro e de tempo.

Então, para encerrar a minha fala, quero te parabenizar, Ver.^a Lourdes, e, como representante desta Casa, como vereadora, nós devemos sempre agir e fiscalizar. Acho que esse é o principal desafio: como que a gente pode fiscalizar

e intervir. E acredito que, juntos, podemos, sim, fazer a diferença e garantir um ambiente mais seguro. Muito obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Ver.^a Tanise. Ver.^a Cláudia Araújo.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) É um tema extremamente importante, extremamente urgente, porque, cada vez mais, nós temos cães abandonados, e aqui a gente está falando dos cães bravios, mas a gente tem uma gama de abandono de animais, de pessoas que se entusiasmam em ter um animal e depois não conseguem ou não querem manter, porque não deu certo, e a gente não devolve filho, não é? Então, se a gente não devolve filho, a gente também não devolve animais, porque eles são nossos filhos.

Eu posso falar de cadeira, porque eu tive por 10 anos a Tiffany, ela não era bravia, e eu deixava de ir a muitos lugares porque eu não tinha, às vezes, lugares que aceitavam os *pets*. Então, a gente se privava para poder ir; quem dera todo mundo fizesse isso, porque aí a gente teria condições.

Mas eu queria falar, quando a gente tem ações como a gente teve agora nas enchentes, eu acho que isso é muito importante também a gente falar, porque eu acompanhei um pouco o trabalho do Gabinete da Causa Animal, a Patrícia foi incansável para recolher os animais das Ilhas. Dentro do caminhão, caiu dentro do caminhão, fez miséria lá para poder resgatar os animais, e a gente tem os animais que são mais mansos e tem aqueles que são bravios, e, mesmo assim, a gente precisa resgatar, porque é importante.

Então, vocês pegavam meio que “na unha” para poder tirar os bichinhos para eles não morrerem afogados. Eu quero aproveitar o momento para parabenizar o Gabinete da Causa Animal pelo trabalho que vocês realizaram nas enchentes que foi incansável para salvar a vida desses animais.

Aproveitando o ensejo, quero dizer que nós estamos aprovando duas secretarias em função dos investimentos, dos financiamentos que a gente está buscando e,

se Deus quiser, a gente vai aprovar a Secretaria de Inovação, que hoje é um gabinete, e também a de Comunicação. E que a gente pudesse incluir nessa lista o Gabinete da Causa Animal e transformá-lo numa secretaria para que a gente pudesse trazer mais oportunidade de atendimento aos animais, tanto bravios, quanto não. Mas esse abandono é realmente muito complicado, existe muito, e precisamos trabalhar para que isso se reduza. Vamos ouvir o pessoal agora, pois é importante para depois fazer os encaminhamentos. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): O tema hoje aqui é cães bravios, mas tem coisa que me incomoda muito – estava até comentando com a colega Ver.^a Lourdes –, quando a pessoa deixa o cão de guarda para cuidar do seu terreno. A pessoa compra um terreno, o terreno está vazio, no meio do mato, e está lá o cachorro numa casinha. Então, eu estava perguntando o que fazer nesse caso que a pessoa deixa o cão para cuidar o imóvel. A gente trata o nosso *pet* como um filho, até a minha esposa diz para a nossa *pet*: “Vai lá com teu pai.” Na madrugada, ela pula para a nossa cama; e tem outra situação, que o camarada tem uma casa grande, compra a casa e coloca dois cães gigantes para cuidar. Então, os cães ficam sozinhos, eu tenho como abandonados, né? Essas são duas situações que eu vejo quando passo na frente para ir a minha casa todos os dias, e eu fico incomodado com isso. Mas já sei o que fazer. A Ver.^a Lourdes gostaria de passar um vídeo e está com a palavra.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): Nós falamos muito, lemos muito, tem muitas redes sociais. Mas eu trouxe um caso recente de um resgate, para que as pessoas tenham uma noção. Para quem não participa, de saber sobre quantos envoltimentos tem até chegar no resgate. Esse cão estava há quatro dias amarrado numa praça, já tinha mordido quatro pessoas até chegar denúncia ao nosso gabinete. Foi feito um vídeo mostrando quantos atores participaram, e de início já agradecemos a Patram. Parecia dócil, chegava próximo, mas no primeiro descuido ele atacava. Teve a Guarda Municipal, o Batalhão Ambiental... Este cão apareceu no local, ninguém sabe como apareceu, não ficou muito claro

para nós, e chegou diretamente pelo programa do Mota, expondo o nome. Então, fica muito difícil de nós resolvemos todas as questões, mas expõe o nome da vereadora, que ela tem que solucionar, então, foi para nós... Logo no programa do Mota, que todos ficam assistindo. Esse é um resgate, é um vídeo rápido, mas teve alguma demora; e ele foi enviado para a Unidade de Saúde Veterinária da Lomba do Pinheiro, e fica lá num canil. Esta é a realidade: vai para lá, fica, se conseguir socializar, achar algum adotante... Se não, ele fica até o fim da vida. Apenas para ilustrar a nossa reunião e dizer que há desconhecimento, mas nós temos a chamada Lei Sansão. Dependendo do inquérito, ela pode levar à reclusão, ou seja, ao regime fechado do tutor, algo que desejamos que aconteça em casos graves de crueldade. Também quero dizer que neste mês de dezembro sempre tem ações pela causa animal, pelo Dezembro Verde; e a gente vai tentando conscientizar, mas a cidade tem 1,5 milhão de pessoas. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): A Sra. Patrícia Martins, representando o Gabinete da Causa Animal, está com a palavra.

SRA. PATRÍCIA MARTINS: Bom dia a todos, saúdo o Presidente, demais vereadores, autoridades e público aqui presentes. Estou à frente do Gabinete da Causa Animal do Município. A nossa situação, hoje, é muito delicada, porque nós temos vários animais dentro do canil. Nós estamos com 200 animais, mais os animais das ilhas que nós resgatamos recentemente; e nós temos aproximadamente 20 animais bravios. Alguns desses animais estão sendo medicados. Nós temos uma veterinária comportamental que faz todo um trabalho de ressocialização, mas existem animais que não aceitam a ressocialização. Então, esses animais vão ficar para o resto da vida lá. O problema de nós fazermos a adoção especial desses animais é que tem que ter um perfil adotivo. Não é qualquer pessoa que pode ter um animal bravio. A responsabilidade também é do Município quando eu entrego esse animal para adoção. Não pode ter crianças, não pode ter outros animais, porque tem animais que não aceitam

outros, que não gostam de crianças. Então, a responsabilidade do Município de entregar esses animais, mesmo fazendo a ressocialização, é muito grave. Já aconteceu de um dos animais escapar da gaiola. Ele ficou meio desorientado, pois na unidade de saúde existe um grande fluxo de pessoas, e é muito difícil pegá-lo quando escapa. É um risco que a gente corre quando esses animais estão lá, porque eles precisam ficar num canil sozinhos, e eu não tenho espaço. Desde o início do ano, eu venho conversando com as delegacias, com a Patram, com outros órgãos que pedem os resgates, e a gente não tem mais como recolher esses animais, porque eles ficam dentro de uma gaiola e eu não consigo dar seguimento para eles. Então eles vão ficar lá para o resto da vida. Nós temos a Mayday, que está presente aqui no local, que nos ajuda, nos ajudou também no resgate das Ilhas. No primeiro episódio, nós conseguimos a ajuda deles para resgatar os 11 animais da Dona Sandra. Esses animais eram todos bravios, e eu estou com esses animais lá ainda. A Dona Sandra perdeu a residência dela, eu tive que ficar com esses animais, é muito difícil o manejo deles, e tem sempre um dominante nesses 11 animais. Eu não vou conseguir devolver, porque ela não tem residência ainda e eles vão ficar lá né. Por isso que, desde abril, eu estou conversando com o Ministério Público sobre essa nossa deficiência, e a doutora Anelise me mandou um acórdão dizendo que, lá em 2016, eu tenho a cópia aqui, resumindo, se o Município não tem mais condições de fazer esses resgates e acolhimento, o Estado tem que ser subsidiário.

Então, nós estamos fazendo reuniões com o Ministério Público, agora dia 20, nós temos outra audiência que vai chamar outros setores do Estado, para fazer com que o Estado nos ajude a fazer o acolhimento desses animais.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado. Cumprimentamos e agradecemos a presença do representante do Grupo Mayday Resgatistas, sejam bem-vindos. A Sra. Tânia de Melo B. Speroni, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS, está com a palavra.

SRA. TÂNIA DE MELO BARBOSA SPERONI: Bom dia. Sou a Tânia Speroni, sou lotada no Gabinete da Causa Animal, com a Patrícia, só que, de acordo com o Conselho Regional de Medicina Veterinária, a fiscalização não pode sair sem a presença de um veterinário, então eu acompanho a SMAMUS, no meio ambiente, na fiscalização de animais bravios, animais abandonados e tudo o mais.

Com relação àquela sua primeira requisição ali, de que o senhor passa diariamente por dois terrenos, a nossa legislação hoje que rege a Prefeitura é a Lei nº 694, de 2012, acho que muitos estavam presentes, e ela não fala nada. Quando a gente fala em *pet*, a maioria, todo mundo que está aqui não fala em *pet*, fala em filho, mas a população de Porto Alegre não pensa assim, muita gente não pensa assim. A gente trabalha com quatro coisas para fechar um diagnóstico de maus-tratos: conforto, comportamento, nutrição e saúde. E o senhor passa por aquele terreno lá – ah, eu não gosto da situação do animal naquele terreno –, ninguém gosta, todo mundo que bota seu cachorro na cama, mas ele viveu a vida inteira ali, ele tem comida, ele tem água, ele tem um comportamento normal, conforme todos os cães, tem saúde. Muitas vezes a gente bate na casa da pessoa, diz que tem uma denúncia de maus-tratos, aí a pessoa vem com atestado veterinário em dia, com vacinação em dia. A pessoa comprou o cachorro para fazer aquilo. Infelizmente não existe na legislação algo que proíba ele de fazer isso. Ele tem o conforto dele, que é um local amplo, que é melhor do que uma corrente curta, ao meu ver. Então, infelizmente, a gente vai seguir nessa pendenga, a gente vai ver cães cuidando de terreno, cuidando de casas, de empresas. Não existem mais aquelas empresas terceirizadas que faziam, a gente conseguiu, a muito custo, eliminar essas empresas, mas existe o cara, o dono da empresa que compra um cachorro, coloca o cachorro no nome dele e aquele cachorro tem um tutor, não é uma empresa, é um tutor que vai deixá-lo cuidando. Tem o seu guarda gratuito, come uma ração barata, mas come, tem água fresca, tem um local para descanso. Então, infelizmente a gente não pode fechar um diagnóstico de maus-tratos nessa situação, porque não é, baseado no PPBE, que é o Protocolo de Perícia e Bem-Estar animal que a gente sempre

utiliza. Só para dar um esclarecimento. Muitas vezes, vem muita gente em cima da vereadora, questionando alguma coisa, e a gente vai lá e diz que o cão está bem. Não está bem como a gente gostaria que estivesse, que é do lado do seu tutor, recebendo carinho, vacinação, tudo em dia, mas está bem; melhor do que muitas condições piores que a gente já viu por aí.

Com relação aos animais bravios, a fiscalização em si não recebe muita denúncia. A gente recebe muita denúncia de animal bravo, é verdade, mas nem todas são, eu vou até chutar, infelizmente eu não tenho uma estatística precisa, mas eu acho que cerca de 99% são infundadas. As pessoas não gostam de moradores em situação de rua com cães, então elas denunciam muito que o cão do morador de rua tal é bravo. Então a gente chega lá, vai conversando, vai abordando; eu sempre fico ali, vou para lá, tento brincar com o animal, nunca fui atacada por nenhum bravo nessa situação de tutores em situação de rua com seus cães, que são denunciados como cães bravios, e eles não são. Situação de cão bravo mesmo a gente nunca pegou, teve essa que a vereadora citou ali, mas o Patram conseguiu nos ajudar a tempo. Eu estou desde 2020, junto, direto com a SMAMUS na fiscalização, e de várias denúncias que a gente recebeu, nenhuma teve fundamento. Uma hora vai chegar, e quando chegar vai voltar na ponta lá, que a gente já sabe onde colocar, porque a gente fala a palavra ressocialização... Eu vou falar uma coisa cruel, mas a ressocialização muitas vezes não dá certo com pessoas; com o animal que fica preso 24 horas num canil, que os seus funcionários trabalham, não é 24 horas, o funcionário trabalha 8 horas por dia e vai embora, final de semana o funcionário vai lá, dá comida e vai embora, então a ressocialização mais capenga ainda do que a humana. É difícil essa ressocialização do animal, a gente tenta, dá medicamento, tem a colega veterinária especialista em comportamento, faz todo um programa, mas é uma coisa muito difícil, e a gente está afunilando cada vez mais onde colocar esses animais que vamos resgatar, porque por mais que a gente tenha esse suporte de veterinário, medicação especializada, não dá conta, não vai ser suficiente.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Muito obrigado, Tania. O sargento Homero está com a palavra.

SR. HOMERO BALZARETE LOPES: Bom dia, presidente; bom dia, vereadores, demais que aqui se encontram presentes. As nossas denúncias geralmente são sobre crime, nós tratamos bastante de crime, maus-tratos. Como a colega falou recentemente, o problema que a gente enfrenta é a destinação final desses animais. Se a gente constata um crime de maus-tratos, é dado o flagrante no autor, para onde levar o animal? Fiel depositário. Esta é a questão. Muitas vezes a gente não sabe para onde levar, o que fazer com o animal, eu tenho falado muito com a Patrícia, com o pessoal da causa animal para nos ajudar, porque, infelizmente, a questão de maus-tratos agora vai aumentar muito no veraneio. O pessoal vai para praia, abandona os bichos dentro de casa, no apartamento, no pátio, sem água, sem comida, ao sol, sem um abrigo, sem nada. Então, esse é um problema muito sério que estamos enfrentando. Mas, felizmente, a gente está tentando fazer o que pode, não é, Patrícia? Todo dia a gente recebe as denúncias, a gente vai no local; claro que nem todas as denúncias de maus-tratos que vêm para nós configuram maus-tratos, às vezes, é um vizinho que não gosta do outro vizinho e que o cachorro está acuando demais, está latindo, está incomodando, daí nos liga para a gente tomar uma providência; a gente vai lá e não constata maus-tratos, a gente orienta as partes, verifica a situação do animal e segue o baile. Mas, infelizmente, a gente está com essa demanda muito muito grande dentro de Porto Alegre, a Patram de Porto Alegre atende 12 municípios. Estou vendo que as demandas de Porto Alegre estão muito grandes e crescendo cada vez mais. Vamos ver se a gente acha uma solução para isso.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, sargento. O delegado Carrion está com a palavra.

SR. CESAR CARRION: Saúdo o nosso presidente, Ver. José Freitas; Ver.^a Lourdes Sprenger; Ver.^a Cláudia; e a minha amiga, Ver.^a Tanise, e em nome dos

senhores saúdo todos que participam desta Mesa. Por que meus colegas me colocaram primeiramente para falar? É muito fácil, é porque eu estou há bastante tempo na nessa lida e eles estão chegando agora, mas vocês não vão fugir, porque vocês vão falar hoje. Desde 2020, quando foi levada à pena de reclusão o crime de maus-tratos contra animais... A nossa DP hoje tem o selo “Delegacia de Polícia Amiga dos Animais”. O nosso trabalho realmente é árduo, é difícil, em função da falta de logística, mas é muito reconhecido, inclusive, por esta Casa, que ano passado, através da Ver.^a Lourdes, via emenda impositiva, destinou R\$ 40 mil para a nossa DP, dinheiro que veio da Prefeitura, com a emenda da vereadora, e com esse valor já foram comprados vários equipamentos que realmente estamos utilizando e estão nos ajudando bastante. Ano passado, eu acho interessante falar isso, a 9ª Vara Criminal de Porto Alegre teve a função também de atuar na causa animal, e eu participei de várias reuniões, com outros colegas da 5ª DP e da 2ª DP, por isso que vocês não estão sabendo muito o que se passou por lá, e o promotor hoje é Procurador – Geral; na época, ele queria que foi tudo fosse canalizado, através do gabinete da Prefeitura de Porto Alegre, tudo, todas ações repressivas fossem canalizadas através da Prefeitura, inclusive com o que se precisa, principalmente, que é o veterinário à disposição – não se faz nada sem ter a materialidade, e quem dá a materialidade é o médico veterinário; depois a destinação dos animais. Na verdade, muitas vezes, eles não podem ficar com os infratores porque estão em situação de penúria, situação de crueldade verdadeira. A coisa não andou; inclusive eu fazia parte de um estudo com meus outros dois colegas, a gente iria apresentar, perante a chefia de polícia, modelos, inclusive ONGs seriam habilitadas, até participar e auxiliar a Prefeitura. Então, realmente, a coisa não andou. O que se faz atualmente? A gente joga com o que se tem; o gabinete da Prefeitura nos ajuda bastante, só que ele não tem disponibilidade, muitas vezes não tem pessoal suficiente; então, temos que lançar mão de outros expedientes, ou seja, as últimas ações que fizemos, inclusive na Zona Sul, onde foram resgatados mais de 40 cachorrinhos, sete gatos, galinhas, tudo dentro de umas gaiolinhas de passarinho, tanto que aquilo ali chocou muito, saiu muito na imprensa, os animaizinhos, quando saíram

da gaiola, não conseguiam nem caminhar, de devido ao tempo que estavam dentro daquelas gaiolas; logicamente que a pessoa foi autuada em flagrante, depois saiu na audiência de custódia, aquela coisa toda – era uma senhorinha, que talvez a psiquiatria ou a psicologia explique, um problema de transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC, era um acumulador. Gente, estou aí para o que der e vier; a Ver.^a Lourdes, sabe que pode sempre contar com a gente. Eu prometi para ela que traria os dados estatísticos, mas não deu tempo. O nosso trabalho é bastante intenso, e ela conhece as meninas, inclusive tem uma lá que é bióloga, uma guria muito... Ela não chega a ser ativista, mas a guria é maravilhosa. E nas últimas semanas agora, infelizmente, tivemos que fazer alguns autos de prisão em flagrante porque vieram as denúncias, não deu tempo nem de agilizar a causa animal, porque os bichinhos realmente estavam em situação de crueldade. Então, conseguimos, através de ONGs, que nos disponibilizaram veterinários para atestar os maus tratos; também essas ONGs acabaram dando um destino, inclusive arcando com os custos de clínicas veterinárias para tentar é reabilitar os animaizinhos. Da minha parte é isso, espero que a gente, já com toda essa rede aqui, consiga avançar e dar continuidade a esse trabalho, que a gente consiga, digamos, de uma forma mais profícua, que realmente seja tudo canalizado com o Gabinete da Causa Animal da Prefeitura de Porto Alegre, esse é o meu desejo, aí, sim, daria todo o suporte que a gente precisa e que hoje a gente não tem, não é sargento, a gente não tem, então a gente fica... Como eu digo, a gente tem que lançar mão de outros expedientes para poder dar continuidade ao combate aos crimes de maus tratos aos animais. Obrigado.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, delegado Carrion. O delegado Luciano, da 5ª DP, está com a palavra.

SR. LUCIANO PERINGER: Bom dia Presidente, bom dia, Ver.^a Lourdes, nos conhecemos, eu cheguei recentemente à 5ª Delegacia, ao distrito, uma nova realidade, novas atribuições. A causa animal, a 5ª Delegacia é uma das três

delegacias que tem o selo de “Delegacia de Polícia Amiga dos Animais”. Só complementando o que o delegado Carrion já mencionou, para não se tornar repetitivo, nós recebemos muitas denúncias referentes a maus tratos; como já dito por alguns membros aqui da Mesa, muitas vezes a gente tem verificado que é briga de vizinhos ou mesmo uma situação – já teve casos até que a pessoa queria adotar aquele animal do vizinho, aí acabou fazendo uma denúncia falsa contra aquela pessoa para tentar fazer com que a polícia comparecesse naqueles locais e retirasse o animal e desse para outro tutor. Então a gente tem visto, acredito que é a realidade de muitos aqui, trabalhamos muito junto em parceria colega Milena lá, que é a responsável pelo cartório dos animais lá da delegacia, que tem muito contato com a Prefeitura, com o gabinete – este também, acho que é muito importante que o delegado Carrion falou dessa rede, principalmente ali, o Município nos auxilia muito, mas ONGs também, essa dificuldade de colocação dos animais, quando realmente se verifica os maus tratos ou o abandono. Na Lomba do Pinheiro, onde que eu atuo principalmente, bem como na Agronomia, a gente verifica, como é uma região às vezes muito pobre ou uma parte também rural, verificamos que há muito abandono, na verdade, desses animais; às vezes a dificuldade realmente é a colocação de um animal num novo lar, isso daí é o principal. Acho que a iniciativa desta reunião é extremamente importante para gente estreitar, na verdade, as relações para até facilitar o trabalho; através dessas trocas, a gente conhece os personagens, os atores nessa seara, a gente consegue facilitar o trabalho e até mesmo trocar informações e um ajudar o outro nesse trabalho que é extremamente importante.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, delegado Luciano. Delegado Vinícius, da 2ª DP, por gentileza.

SR. VINÍCIUS NAHAN DOS SANTOS: Bom dia a todos; bom dia, Presidente; bom dia, Ver.^a Lourdes e demais vereadores. Sou Vinícius Nahan, estou na 2ª DP, que fica aqui no bairro Menino Deus, que é responsável pelo bairro Praia de Belas e pelo bairro Menino Deus. Eu acho que ela foi a 2ª delegacia a ter o selo

do cartório dos animais; eu acho que a 5ª delegacia teve depois. Quando eu cheguei, no início do ano, já tinha um cartório, uma policial designada e interessada na causa, porque é um programa da Polícia Civil, vendo tanto a mudança da lei, que tornou um crime com uma pena maior, cabível de prisão em flagrante, que inclusive não cabe fiança na seara policial. A Polícia Civil, vendo essa mudança na cultura do trato dos animais, também se adequou e criou o selo. Em Porto Alegre, tem três delegacias que acabam abrangendo todo o território porque são em vários pontos da cidade, distantes, e a gente acaba também atuando em outras áreas, não necessariamente no bairro, para dar esse suporte em áreas em que não tem o selo dos animais. Realmente, um ponto de gargalo que já está sendo bastante mencionado é o encaminhamento. A gente está com essa dificuldade que muitas vezes nos impede de tomar alguma ação de resgate. A responsabilização da pessoa que comete o crime, a gente consegue fazer, mas o resgate do animal fica inviabilizado se a gente não tem um local para o encaminhamento. O Dr. Carrion mencionou que a gente acaba tendo que se virar, tendo que achar voluntários – às vezes veterinários parceiros acabam ficando temporariamente com esses animais –, mas é um ponto sobre o qual a gente tem que sair da reunião com alguma ideia, algum encaminhamento sobre qual vai ser a destinação desses animais no momento do resgate, porque, ao meu ver, perde um pouco o sentido se responsabilizarmos o infrator, mas deixar o animal com ele ou com aquela família. A nossa ação fica meio sem sentido se não for para fazer o resgate do animal que está em situação de maus tratos. Também acredito que ações de conscientização são importantes. Às vezes a gente acaba indo verificar uma denúncia, que muitas vezes não se concretiza, mas já consegue ter essa ação de conscientização, explicando, porque muitas pessoas não entendem que há uma mudança cultural. Os *pets*, animais domésticos, os animaizinhos que passam a ser membros da família muitas vezes e algumas pessoas continuam os tratando como objetos, como um mero bem que pode ser usado de qualquer forma, e não como uma vida. Então, a gente, que tem esse trabalho, muitas vezes consegue fazer essa conscientização conversando com o vizinho. Essas

ações acabam até surtindo mais efeito de as pessoas entenderem que algumas formas de tratamento que eram dispensados aos cães antigamente já não cabem mais hoje em dia. Obrigado.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dr. Vinícius. Nós agradecemos. Diante das falas que nós ouvimos até agora, e a Patrícia falou que sentia falta do Estado aqui, representando...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ANDRÉA CAMARGO GLASHESTER: Bom dia a todos, sou assessora da subsecretaria de gestão ambiental da SEMA. Nós temos a divisão de políticas públicas para animais domésticos, que nós chamamos de DIPPA, o qual herdamos, neste governo agora, da secretaria de direitos humanos e assistência social. Nós estamos com um trabalho de mutirão para fazer um fechamento com o programa Melhores Amigos, que é um programa de castração de animais. Então, por enquanto, a SEMA, com essa herança, envolve praticamente todos os municípios do Estado que, com verbas parlamentares, conveniam com o Estado para esses programas de castração. A gente está fazendo agora o fechamento desse programa para poder avançar com novas políticas públicas para animais domésticos. Com a ocorrência da enchente, no Vale do Taquari, nós fizemos algumas ações piloto de atendimento médico-veterinário para os animais resgatados da enchente; inclusive tinha animais perdidos que apareceram naquela localidade, que vieram com água, perdidos. Nós fizemos algumas ações de atendimento médico-veterinário, não castrações ainda, mas a gente quer evoluir e justamente a SEMA também quer evoluir nessa questão da causa animal dos animais domésticos; inclusive o Ministério Público também está envolvido com esse assunto. Agora, no dia 14, tem uma audiência no Ministério Público sobre essa mesma pauta de cães bravios e sua destinação. Será no dia 14, às 14h, no Ministério Público de Porto Alegre, com a Dra. Annelise Steigleder. Então, a gente está aqui porque essa é uma causa muito

importante para nós também, mas o nosso trabalho ainda está começando com essa herança da DIPPA. Essa divisão tem projetos de expandir o trabalho além das castrações, mas também para o bem-estar animal, para a conscientização da importância do bem-estar animal e de um tratamento mais digno aos nossos amigos bichos.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Andréia, você ouviu a Patrícia, do Gabinete da Causa Animal, falar sobre o acolhimento. Tem algum encaminhamento sobre isso?

SRA. ANDRÉA CAMARGO GLASHESTER: Sim. Por ora, não, mas é porque a gente justamente herdou o Programa Melhores Amigos, que envolve, dos quatrocentos e poucos municípios que a gente tem, quase trezentos e tantos municípios que conveniaram. Então a gente está naquela fase de prestação de contas, de prorrogação de prazo para a finalização das castrações; e, a partir do ano que vem, a gente acredita e espera que consiga estar mais organizado, com esse Programa Melhores Amigos em dia, para poder avançar nessas políticas públicas, justamente, de destinação de animais, assim como na questão de maus-tratos. A gente precisa muito evoluir nisso, mas tem interesse, é um assunto muito caro ali para a secretaria também, e acredito que a gente vá conseguir, mas é importante a gente estar todo mundo junto, porque sozinho a gente não faz nada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Com certeza. O que chamou a atenção é que o maior gargalo aqui que foi ouvido até agora é justamente a destinação, o acolhimento. E a Patrícia colocou que existe um acordo para o Estado ajudar; então, com certeza, a Patrícia vai te procurar.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ANDRÉA CAMARGO GLASHESTER: Do Ministério Público? Ah, sim, é, nós vamos estar presentes também, então vamos ter oportunidade de conversar melhor.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Vai surtir efeito. Obrigado, Andréia.

SRA. ANDRÉA CAMARGO GLASHESTER: Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Vou passar para o Ver. Oliboni, que quer fazer um questionamento.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Presidente, claro que vai ter o momento dos encaminhamentos, mas, observando aqui a situação do Gabinete da Causa Animal de Porto Alegre, com a Patrícia, agora com a opinião do Estado e com o desabafo das demais entidades que, no limite do limite, têm que pedir ajuda de uma ONG, nós temos que avaliar sob o ponto de vista de qual é o encaminhamento que nós vamos ter aqui. A Defensoria Pública está à Mesa? Acho que é muito importante, nós queremos uma definição do encaminhamento. A mim, parece aqui que, tanto o Município quanto o Estado, Ver.^a Lourdes, estão dizendo que não têm condições de absorver uma situação aqui como a levantada, que tem já 20 animais, vamos dizer assim, abrigados.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Tem 200, mas 20 que são bravios. Numa cidade que tem 1,5 milhão habitantes, só 20 animais bravios é muito pouco, se for olhar sob o ponto de vista da necessidade. E, infelizmente, o Gabinete da Causa Animal, do governo, não tem orçamento. Vocês sabiam que não tem orçamento? Todas as secretarias, com exceção da secretaria de Esportes e do Gabinete da Causa Animal, não têm orçamento. Se tivesse 1% do orçamento...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Pois é, mas se tivesse uma destinação, por exemplo, tantos milhões de reais, obviamente, tu terias um planejamento para poder fazer a gestão disso que está sendo levantado aqui. Pelo que eu estou percebendo, quando chega no delegado, na delegacia, e ele não tem o aporte do poder público municipal – não importa quem está no poder municipal –, se o Estado não está oferecendo, eles têm que partir para uma parceria de uma ONG, senão não tem solução. Parece que o encaminhamento não vai sair. Qual é o encaminhamento que nós vamos dar à situação da causa animal discutida no caso do dia de hoje? Essa é a grande questão, porque, senão, nós vamos ficar aqui no desabafo, e no desabafo não resolvemos nada. Essa é a grande questão que eu estou visualizando neste momento. Obrigado, presidente.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Por gentileza, Patrícia.

SRA. PATRÍCIA MARTINS: Só respondendo ao vereador, o gabinete tem orçamento, o orçamento fica dentro do gabinete do prefeito, então a LOA do ano que vem é R\$ 7 milhões, mas o encaminhamento que nós estamos fazendo em relação ao Ministério Público de nos ajudar com o acórdão também, para o Estado nos ajudar, já que ele é subsidiário; nós estamos fazendo um projeto de ampliação e reforma do canil, só que projetos demoram. Então nós precisamos ter uma solução de imediato.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Patrícia. Passo para a Dra. Fabrícia, representando a PGM.

SRA. FABRÍCIA LACERDA MARDER: Bom dia; saúdo a todos, ao presidente, aos demais vereadores. Eu comecei a trabalhar com a causa animal só em outubro, mas sou uma apaixonada por animais, acho que é por isso que eu fui

designada, como todos nós aqui. Realmente, já tem esse projeto de ampliação, mas, para a situação de agora, não é o suficiente, não vai ficar pronto a tempo. Em termos de Procuradoria, eu posso dizer o seguinte: todo auxílio jurídico, eu estou disponível. Ela sabe, ela me liga a qualquer hora do dia e da noite. Tem medidas emergenciais que podem ser tomadas, mas elas não resolvem o problema. Então o que eu posso dizer? A gente precisa unir esforços, a gente precisa de orientação, a gente precisa orientar a população, porque é uma população mais orientada, inclusive, da situação atual hoje da cidade. E a parceria, realmente, com o Estado, é fundamental. Nós vamos ter essa reunião no Ministério Público; é uma reunião em que eu entendo que a gente pode fazer um acordo, pode fazer um Termo de Ajustamento de Conduta, até porque a gente já tem uma decisão judicial que a gente não está conseguindo cumprir, porque a gente tem que ter formas imediatas a médio e a longo prazo. De médio para longo, a gente tem algumas, mas, para a situação de hoje, eu, como procuradora, posso aprovar algum contrato emergencial, posso me dispor a formular um acordo com o Estado. Mas eu preciso realmente da vontade dos gestores de aceitar esse acordo, porque nós que trabalhamos com as leis, quando chega a demanda para a gente, o procurador sempre acha uma solução. Mas ele precisa sempre da aprovação do chefe, que é o gestor, seja o prefeito, seja o governador, seja o secretário, nos dando aval para poder realizar aquela situação que a gente pretende.

Então, eu posso dizer que estou à disposição, podem contar comigo, podem me chamar – ela me chama bastante desde outubro. Eu tenho ideias jurídicas, mas eu preciso realmente da vontade de se concretizarem. Eu acho fundamental a conscientização, a educação da população, porque tem pessoas que talvez não tenham a consciência da gravidade da situação, da quantidade de animais que estão sofrendo maus tratos ou animais nessas condições de serem mais violentos, e a situação está em um crescente. Eu entendo que é importante a posição de querer trabalhar também na castração de alguns animais, mas a conscientização de toda a população é fundamental, principalmente quando a gente enxerga um vizinho fazendo alguma coisa errada. Tem que denunciar, tem

que procurar conversar, procurar orientar, e, cada um de nós, tem que procurar fazer alguma coisa. Eu, como procuradora, como já disse, estou à disposição. Não tenho muitas outras coisas, porque eu só entrei em outubro, mas já me coloco à disposição.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dra. Fabrícia. Ver.ª Mônica, por gentileza.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Obrigada, presidente. Bom dia a todos. Eu confesso a vocês, com minha natureza espontânea e sincera, que eu saio frustrada desta reunião. A impressão que me deu, o sentimento que me deu, é que um empurra para o outro, e a solução, que é bom, nós não temos. É grave o problema.

Eu quero deixar claro, Fabrícia, que eu não acho 20 cães bravios muito para uma população como a de Porto Alegre. Também penso, e falo como jornalista, que urge uma campanha de conscientização que fale que abandono e maus tratos é crime, e essa campanha publicitária nós precisamos cobrar do governo. Isso urge. Já sabemos que, em dezembro, principalmente quando as férias se aproximam, isso ocorre com mais frequência.

A outra questão que eu quero dizer, como vereadora da base do governo, é que nós temos que ter vontade política para fazer acontecer. Não é possível se finalizar um governo e se chegar a esta conclusão de que não temos condições, de que não temos estrutura, de que falta isso, falta aquilo. Isso comigo não funciona.

Então, eu anotei também que o número total de animais de estimação no Brasil, de acordo com levantamento do Instituto Pet Brasil em 2021, foi de aproximadamente 150 milhões. Isso pode parecer, em um primeiro momento, muito, mas nós temos condições, hoje em dia, de trabalhar políticas públicas na cidade de Porto Alegre, que é a capital do Rio Grande do Sul. Então, do que vocês estão precisando? Nós somos uma comissão, estamos aqui para ajudar, mas precisamos ser demandados. Aqui chegam inúmeras demandas, desde o

Hospital de Pronto Socorro, de postos de saúde, do Instituto de Cardiologia, que estava fechando, que fechou, enfim, mas o que não dá – e eu tenho muita dificuldade, confesso para vocês – é nós fazermos uma reunião de mais de uma hora e ficarmos todos nessa conversa de que não é possível, não dá, não temos, não isso, não aquilo. Eu gostaria que cada um trouxesse o problema e a solução, porque, senão, nós não vamos chegar a lugar nenhum. Então, reforço que duas frases que me impactaram muito: vinte animais bravios – Lourdes, que é uma entendida da área, e eu sempre me aconselho contigo – eu acho relativamente pouco para o número de habitantes que tem a cidade de Porto Alegre. Tem que ter solução para isso. E, como não tem estrutura, como vamos resolver esse problema? Eu não gostaria de fechar o ano, o tempo do governo Melo, do qual eu faço parte, com esse problema na minha consciência. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Ver.^a Mônica. Dra. Alice, da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul, por gentileza.

SRA. ALICE BACKES DE LEON: Bom dia a todos. Bom dia, presidente, vereadoras e vereadores, demais autoridades. Eu sou a atual dirigente do Núcleo de Defesa Ambiental da Defensoria Pública e, fazendo coro ao que a procuradora mencionou, nós estamos à disposição do ponto de vista jurídico. Parece-me que são problemas bastante sérios, daí eu aproveito e a parabenizo por essa iniciativa, porque são problemas sérios que envolvem todos nós. Não é um problema de um ou de outro, é um problema de todos nós, e que precisa de um compartilhamento de responsabilidades. Isso não é só da Prefeitura, não é só do Estado, é de todos, inclusive da Defensoria e do Ministério Público, que talvez não esteja aqui presente. Mas é muito bom poder ouvir todos os participantes e perceber que eu acho que tem uma vontade comum, só resta isto: fazer encaminhamentos mais concretos. Parece-me bastante clara a questão da conscientização, não só da questão de que é crime ambiental fazer isso, mas também da importância de as pessoas comparecerem, tentarem adotar, muita gente até compra animais, por que que não se faz uma campanha

um pouco mais forte de adoção? Têm vários animais que não são bravos, talvez não tenham tantos requisitos para serem adotados; talvez as pessoas nem saibam que eles estão lá esperando, ali no canil; talvez seja um encaminhamento também interessante. Então nessas linhas, me parece que são questões concretas que a gente já pode sair daqui com alguns alinhamentos, e a Defensoria Pública está à disposição, sempre é parceira para participar dessas atividades e também dessas campanhas, alinhavar isso junto. Até vou passar o meu contato para a Patrícia, para a gente conversar de forma mais próxima, daqui a pouco vai trocar a dirigente do Núcleo, mas eu vou passar para a próxima colega também. Eu agradeço, a gente é parceiro aqui e estamos à disposição.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dra. Alice. A Sra. Vanessa Rodrigues, representando a OAB, está com a palavra.

SRA. VANESSA RODRIGUES: Bom dia a todos, Presidente, autoridades, primeiro eu gostaria de parabenizar iniciativa desta pauta que é de extrema importância. Eu fui casada com um protetor de animais e já tive mais de 20 animais em casa, e os cães são muito amorosos, todos retirados da rua, inclusive um deles foi assassinado por um vizinho que envenenou ele, e é até hoje não foi feito nada em relação a isso, não teve como comprovar quem foi. Jogaram veneno, foram feitos exames e tudo, foi comprovada a causa da morte, mas não teve seguimento.

Bom, eu acho que o que já foi dito aqui, a questão da conscientização da população, acho que tem que aumentar os programas de castração, adestramento e se possível, ressocialização, espaços de acolhimento e se possível também criar projetos junto a instituições públicas de faculdade de veterinária, e adoção com responsabilidade, porque animais têm custo. A gente vê diariamente nas redes sociais pessoas pedindo ajuda para custear medicamentos, cirurgias, procedimentos de tratamentos de saúde para animais, porque adotam e depois não têm condições; ajuda com alimentos, rações. Então a adoção tem que ser feita com responsabilidade. Eu acho que tudo que

precisava ser dito foi dito já, os especialistas já falaram, a OAB também fica à disposição para participar dessas campanhas sempre que possível. Era isso. Eu agradeço a oportunidade da participação.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dra. Vanessa. O Sr. Pedro Armando Ramos Lang, representando o Kennel Clube, está com a palavra.

SR. PEDRO ARMANDO RAMOS LANG: Bom dia a todos, é um prazer estar aqui nesse evento, eu cumprimento o Presidente da Comissão, a Ver.^a Lourdes Spengler, a qual a gente de vez em quando se reúne no Kennel Clube para debater sobre a causa animal, e cumprimentando os senhores, cumprimento todos os demais da Mesa e os componentes dessa plateia. Bem, o que eu devo dizer é que, a Ver.^a Mônica falou numa situação realmente que me parece que há um grande debate, mas sem se chegar numa conclusão final. Eu tomo a liberdade de dizer que eu penso que existe vontade política dos senhores, mas eu entendo, na minha concepção de criador de cães há 30 anos e presidente do Kennel Clube, que eu entendo que os senhores devem ter mais orientação de pessoas com conhecimento técnico, porque a vontade política de fazer alguma coisa é louvável, evidentemente, mas eu entendo que tem que se valer de criadores, veterinários, adestradores; eu vejo que tem representantes do K9 que é uma técnica de adestramento também interessante. Então, mas de qualquer maneira, eu devo dizer que eu vejo uma evolução muito grande no trato da causa animal; o cuidado com a saúde animal, bem-estar animal hoje aqui em Porto Alegre, sobretudo em Porto Alegre mesmo. Porque no passado se via muito as entidades, as ONGs, protetores, defensores da causa animal fazendo um trabalho por diletantismo, muitas vezes puxando dinheiro do seu próprio bolso para cuidar da causa animal. E hoje eu vejo o poder público interessado nisso, em participar, atuando dessa forma na causa animal. Mas eu acho e devo dizer, realmente que falta mais pessoas com conhecimento técnico para ajudar os senhores a fazer esse trabalho, e o Kennel Clube se coloca à disposição. E também parafraseando que falaram sobre 20 cães bravios, realmente, o número

estatisticamente não é nada, não é nada. E mais que isso, eu penso que muitas vezes há um equívoco na definição do cão bravio, muitas vezes esse cão não é bravio, ele é covarde, ele é medroso, ele está acuado, ele sofreu, ele tem traumas, então isso também compete a pessoas que trabalham com adestramento ajudar nesse trabalho. Esse é o meu entendimento. Eu mesmo crio cães de raça pura, mas eu tenho no meu canil, nós temos um lar provisório onde nós acolhemos os cães e depois o Kennel Clube está fazendo esse trabalho de recolocar esses cães. E também, devo dizer para os senhores que apesar de nós criarmos cães de raça pura – nossos criadores –, não é raro que aconteça de muitos criadores serem excluídos do quadro social do Kennel por não ter o cuidado no trato animal que nós desejamos. Então, eu quero me oferecer, como presidente Kennel Clube/RS e pessoalmente, na pessoa do Kennel Clube, para ajudar a fazer este trabalho com os senhores, tanto desejo fazer e é tão importante para causa do animal. Estamos à disposição.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado Pedro. Tem parcerias para fazer. O Sr. Christian Balduin, adestrador, representando a K9, está com a palavra.

SR. CHRISTIAN BALDUIN REINHEIMER: Bom dia Presidente; bom dia vereadores e vereadoras e a todos os presentes. Primeiramente, vamos dizer uma coisa bem clara, hoje os adestradores são muito desunidos, então o que ocorre é que nós deveríamos ter uma classe, digamos, unida, cada um tem um tipo de treinamento, cada um oferece um tipo de treinamento. O que eu considero isso como importante para nossa cidade é que, primeiramente, nós trabalharmos com ONG de proteção animal. Eu já trabalho há 35 anos com cães, ainda sou um grande fã do Sr. Pedro, do Kennel Clube, o que ocorre é que, de um tempo para cá, eu tenho visto que muitas vezes, quando a gente está fazendo um trabalho na rua, existem aquelas pessoas que andam com seus cães sem guia na rua, em via pública. Nós sabemos que temos uma lei aqui em Porto Alegre que não permite cães em via pública soltos, não pelo fato, digamos, do

meu cão que eu estou ensinando ser um perigo, mas pode ser o cão que está solto, tanto ocasionar um acidente de trânsito bem como também um ataque ao outro cão. Uma pergunta que eu quero fazer, digamos, se eu estou com meu cão na guia dentro da legislação e vem um cão bravio que não tem dono ataca esse cão e me ataca, sendo que eu tenho que zelar por aquele cão que eu estou dando instrução, a quem que eu vou recorrer? Eu tenho que fazer a proteção daquele cão e do dono. Um dos fatores também que eu acho muito importante é nós fazermos um trabalho com profissionais da área de adestramento chamado programa de adestramento social, principalmente para cães que são adotados. O que se considera um cão agressivo, um cão bravio? Muitas vezes, por ele ser um pit bull, um rottweiler, isso, na mídia, já estragou ele como um cão bravio e muitas vezes não é. A primeira análise que a gente tem que fazer de um cão bravio é que se ele realmente está ali por medo ou por receio de algum maus-tratos e tentar fazer uma ressocialização junto com o médico veterinário, usando uma farmacologia, usando técnicas de adestramento modernas que hoje têm sem maus-tratos, e é muito importante fazer uma conscientização.

Vou explicar, mais ou menos, como é que eu trabalho neste programa de adestramento social. As ONGs me procuram e me informam que, por exemplo, têm dez adotantes de cães, eu pego o contato de todos os adotantes, marco uma reunião com eles na minha residência e pergunto: qual é o principal fundamento do cão com vocês? Ah, é companhia; ah, eu quero o cão para guarda, ok, só que tem um problema o meu adestramento social é só para obediência não é para guarda e proteção. Porque muitas vezes, quando a pessoa adota, a primeira coisa que o cachorro apresenta um comportamento completamente desviado daquelas expectativas que a pessoa está esperando, ah, eu vou soltar na rua, vou devolver para ONG, já quebra um vínculo no cão e ele já vai ficar um cão inseguro. E uma coisa também que é muito importante é que, no momento em que a pessoa adotar um cachorro, um adestrador esteja presente, para quê? Para avaliar o tipo de pessoa que vai adotar e o tipo de cão que se enquadra dentro daquela situação ideal para aquela pessoa. Como o senhor falou, Sr. Presidente, a gente tem muitas parcerias a fazer. Eu, no caso,

faço, muitas vezes, em praças com várias pessoas que adotam cães, e as pessoas me perguntam: quanto é o valor de um adestramento? Hoje cada profissional tem seu valor, mas, quando o adestramento é de baixo custo, todas as pessoas podem ter, digamos, um cão educado, que não vai apresentar um risco na rua, muito menos um risco dentro de casa, principalmente para quem tem criança pequena.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): O Sr. Milton Pithan, da Mayday, está com a palavra e fará uma apresentação.

SR. MILTON FERNANDO PITHAN: Bom dia a todos. Ouvindo bastante, buscando soluções, buscando questões referentes à questão do cão bravo, quero dizer que, me perdoem se eu estiver errado, se tiver um só cão bravo que não tenha lar, para mim já é um pecado gigante e a gente luta para que não haja nenhum cão bravo sem lar. Eu sou bombeiro militar aposentado há 30 anos, eu fui chefe do canil de busca e salvamento do Corpo de Bombeiros e chefe do canil de busca e salvamento da Força Nacional, então nós estamos já há algum tempo lidando com cães, comportamento, resgatando cães e para nós o pior cão era o melhor cão por causa da sua atividade, por causa da sua resposta, da sua interatividade, então a gente sempre buscou trabalhar com esses cães. A própria Brigada Militar usa muito esses cães nos seus presídios, eles ressocializam para um trabalho específico.

(Procede-se à apresentação.)

SR. MILTON FERNANDO PITHAN: O que eu quero dizer para vocês é que nós temos o espaço de 36.000m² dentro do Centro Vida – eu vou deixar a apresentação passando para que vocês possam ler e não atrapalhe os três minutos. Inclusive eu já conversei com o diretor-presidente, José Scorsatto, que nos apoie muito lá nesse trabalho de cercamento, de preparação do terreno, onde nós vamos, se tudo caminhar certinho, receber os animais de grande porte

também junto com a EPTC. A gente vai ressocializá-los para equinoterapia, essas questões com crianças, porque nós temos projetos com crianças PNS, PcDs, e os animais participam disso tudo junto. Então, a nossa ideia é oferecer o nosso trabalho, mas, desde que seja tudo de uma forma legal, fiscalizada pela Prefeitura, porque a gente trabalha quando nos chamam. Não temos aquela questão de estar nos impondo em qualquer situação. Eu digo para vocês que existe como ressocializar. Existe, tá? Nós somos a prova disso, nós temos um colega que ficou com uma pit bull que chegou lá, ela parece a criança da casa agora. Gigante a pit bull e parece uma criança, porque encontrou amor. Então, dá para fazer, dá para trabalhar, e a gente consegue, estamos apostando nisso aí. O nosso centro vai existir, colocamos à disposição, estamos fechando as baias para os cães mais agitados, um pouquinho antissociais. E eu vi os cães da Patrícia e da Fabi, que trabalhamos junto, eles realmente são bravos, não são cães que esperam ser provocados para cometer alguma coisa, mas eu notei que dá para trabalhar. Existe uma condição bem tranquila ali. Nós temos um povo meio casca dura que já está acostumado com algumas mordidinhas e dá para trabalhar com eles. Então seria mais ou menos essa a nossa apresentação, Presidente e vereadores, demais autoridades que estão aí. A gente está acostumado, inclusive quando mostramos para resgatar aqueles 12 cães lá não foi muito fácil, mas também não foi muito difícil. Obrigado pela oportunidade.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Nós agradecemos, Milton, e parabéns pelo trabalho de vocês. Vamos passar para a Daiana, que representa o grupo Patinhas de Anjo.

SRA. DAIANA RAMIRES: Bom dia a todos. Eu sou representante do projeto Patinhas de Anjo. Caramelo é um cão resgatado, ele era um cão de rua, eu tinha um comércio e ele passava na frente da porta do meu comércio sempre cheio de carrapato, horrível, o pelo dele não era assim. Hoje em dia, ele está um terapeuta, ele já é certificado terapeuta pelo teste CGC. Vamos em casas, asilos, em escolinhas de crianças com deficiências, com ou sem. Ele é um terapeuta, é

um cão resgatado. Hoje, eu escutei bastantes coisas aqui que a gente se sensibiliza, porque, como vários disseram, ele é o meu filho. Eu tenho três filhos, tenho quatro, mas três pets, e ele é o nosso mais novo terapeuta. Então, acho muito importante essa ação, que ela realmente vá para frente, que seja feita alguma coisa, porque, assim como onde eu moro, em vários lugares tem cães na rua. E, principalmente nas épocas de Natal e Ano Novo que tem os fogos de artifício, eles saem correndo muitas vezes pela rua afora e acabam sendo atropelados, porque muita gente não para. Lá onde eu moro, na Av. Protásio Alves, eu já vi vários atropelamentos. Eles não prestam socorro. Acho que, sim, deveriam existir mais câmeras para pegar esse tipo de coisa. E eu espero muito, eu quero muito ver depois a resenha disso, que seja feita alguma coisa, porque tem muitos cães por aí assim como o Caramelo. Ele me encontrou, encontrou o meu esposo que deu todo apoio, adestrou, está adestrando ainda, está em processo, mas é muito importante que se faça mesmo uma lei que realmente dê a punição, que realmente essa pessoa que maltrata, que atropela tenha uma solução e vá para a cadeia para não matar os bichinhos.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Muito obrigado, Daiana. Obrigado pelo teu trabalho, pelo teu carinho. Passar para a Fabiana, diretora técnica da GCA.

SRA. FABIANA DE ARAÚJO RIBEIRO: Eu estou como coordenadora do Gabinete da Causa Animal, mas conheci a vereadora há mais de 20 anos. Eu vou dar um depoimento aqui como protetora de animais, que eu acho que ninguém abordou essa questão. Vinte animais são muitos animais bravios. Sabem por quê? Porque tem muitos ali que talvez nunca tenham um lar. Então, a gente se preocupa com isso. São muitos animais, porque, com esse problema das ilhas, estamos lotados de animais. E o que eu posso dizer é que a saída, um dos encaminhamentos que eu acho que deve sair daqui é que tem que ter órgãos que nos ajudem a fazer os resgates em caso de maus-tratos. Eu já fui ONG e a vereadora uma vez chamou a Patram, em caso de maus-tratos, nós resgatamos oito animais. A Patram nos ajudou a fazer o resgate, mas eu não pedi ajuda para

o Município. Eu tinha minha ONG, eu vendia comida, fazia brechó e eu consegui, até hoje tenho contato com os adotantes, tenho meus animais em casa de passagem, mas quem fez o resgate foi a minha ONG, com ajuda da Patram e com a ajuda da vereadora, graças a Deus, que fez esse *link*. Então, um dos encaminhamentos, nós precisamos de ajuda da sociedade civil. O Município não tem como abraçar tudo. Nós temos 800 áreas irregulares em Porto Alegre, a periferia é gigante, e é daí que vêm os problemas, não é daqui, aonde a gente anda, eu vou para o meu trabalho, na minha bolha, não é aqui. O problema está na periferia e essas pessoas têm que ser orientadas, porque às vezes tem cães semidomiciliados que entram e saem de dentro de casa, estão dentro de casa, mas de repente a pessoa abre o portão e o cão sai, não é castrado, não é microchipado e fica fazendo filhote. Então o nosso programa de castração, se a gente pudesse aqui, secretária, botar os números recortes de todas as gestões, e essa é uma saída, porque o cachorro com microchipe... Esses dias nós recolhemos um cachorro, nas Ilhas, atropelado, e ele era microchipado e tinha dono, tinha sido abandonado nas Ilhas, está conosco lá. Então o microchipe é importantíssimo. O que eu quero que as pessoas entendam é que esses animais bravios têm dono, eles têm tutor e eles precisam ser responsabilizados, se esses animais são abandonados, amarrados nas árvores. Então esses são os encaminhamentos. Ajuda para acolhimento de ONGs e a gente precisa responsabilizar os tutores desses animais que porventura estejam amarrados nas árvores, que foram abandonados, mas a gente só vai conseguir isso com o microchipe. A gente precisa castrar e microchipar em massa e isso tem que acontecer na periferia, porque aqui na nossa bolha não vai adiantar nada.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Eu só quero esclarecer, porque quando eu falei 20 animais, eu acho pouco, e reafirmo o que eu digo, eu acho um número completamente possível de atender, se nós compararmos com a população de Porto Alegre. Claro que parece muito, se a gente analisar cada um com seus problemas ao atendimento, mas o poder público pode atender esses 20 animais. Eu não acho muito. Outra questão importante de esclarecer aqui é que a Ver.^a

Lourdes aprovou cem mil castrações. Então esse não é um problema que nós temos, já provou num primeiro momento. Eu vejo que a tua fala reafirma aquilo que nós colocamos aqui sobre políticas públicas, que é bem o que a Ver.^a Lourdes vai tratar nesse momento. Vou te passar a palavra, primeiro o Presidente, depois tu encaminhas.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): A Sra. Andrea está com a palavra.

SRA. ANDRÉA CAMARGO GLASHESTER: Só complementando a fala, colocando como é importante a sugestão da Ver. Mônica na questão do poder público se engajar numa campanha de conscientização, é fundamental, vereadora, porque eu vejo que essa ação que nós fizemos, que foi só um piloto, um teste no Vale do Taquari, de atendimento médico veterinário, nós tínhamos recebido, em doação, os *chips*, e a maioria das pessoas tinha resistência por não saber como funciona, qual o efeito no animal. Então uma grande resistência dessa comunidade, justamente a gente atendeu a periferia, a comunidade periférica, e eles o desconhecimento natural. As pessoas têm resistência a chipar os animais, muitas pessoas. Era gratuito, algumas pessoas chiparam e o pessoal viu que o animal não sofre, que é tranquilo, mas ainda muita resistência por desconhecimento. Então a sua fala é importantíssima, a conscientização é número um para a gente conseguir também avançar.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): O Sr. Paulo está com a palavra.

SR. PAULO ANTÔNIO DA COSTA CASA NOVA: Bom dia a todos, vou ser breve porque eu sei que o nosso horário já está estourando. Eu sou médico-veterinário, formado há mais de 40 anos, tive clínica em Porto Alegre durante muito tempo, hoje coordeno a equipe de antropozonose da Prefeitura de Porto Alegre e faço parte da direção da Anclivepa, que é Associação Nacional de Clínicos do Veterinários de Porto Alegre. A colocação que eu queria fazer é que nós estamos discutindo os efeitos e estamos esquecendo da causa. Nenhum

animal se torna agressivo por acaso, há todo um contexto que leva esse animal à agressividade. Eu sou veterinário homeopata, isso pode acontecer inclusive no útero da mãe, dependendo das situações em que a cadela foi submetida, esse animal, quando nascer, pode trazer, na sua bagagem genética e psíquica, já um distúrbio para futuramente levá-lo a ser um cão agressivo. Foi colocado aqui que a grande maioria dos chamados cães agressivos, na verdade, são cães covardes, também é verdade, e eles se tornam covardes pelos maus-tratos que eles sofrem durante a vida. O eu é que eu penso, quando eu falo vamos pensar no antes e não no depois? É a questão da posse consciente, pensar. Quando a Ver.^a Lourdes chama um assunto desses, não é simplesmente um assunto de polícia ou um assunto de causa animal, isso é um assunto de saúde. Nós não podemos falar em saúde hoje sem pensar em saúde única, e a saúde única envolve a saúde ambiental, a saúde animal e a saúde humana, elas são interligadas. Nós, veterinários, temos uma função primordial nisso. Eu pergunto aqui: quantos veterinários tem hoje inserido nos NAFs, se é que tem NAF funcionando em Porto Alegre? Quantos veterinários estão lá na ponta, na unidade básica, fazendo o acompanhamento, como a outra colega disse, onde vem a maioria dos animais de rua? Nós, da Zoonoses, a gente faz um trabalho seguido de parceria com o pessoal da causa animal, é uma troca, é coleira que vai, é carro que vem, é vacina que se troca, é ação conjunta. A gente sobe lá na periferia. Hoje mesmo, a minha equipe está naquele morro atrás do Hospital Cristo Redentor, coletando, chipando e testando animais para leishmaniose visceral canina. Já fizemos isso uma vez, estamos fazendo de novo. Não conseguimos fazer antes, porque falta viatura, falta pessoal. Nós já tivemos aposentadoria de acho que uns seis ou sete colegas, tivemos a reposição de dois. Faz parte? Faz parte, mas isso vai prejudicando o trabalho. Temos outros recursos, temos a associação, a Anclivepa, que é uma parceira do poder público, temos o Conselho de Veterinária, que é um parceiro. E nós, veterinários – eu digo isso porque, durante 26 anos que eu tive clínica, eu fazia isso –, temos que fazer a conscientização da pessoa que vai adquirir um animal. Eu cansei de desencorajar clientes que chegavam e diziam assim: “Ah, eu quero um

dobermann, eu quero um rottweiler”. Aí eu olhava o perfil do cara, ele não tinha perfil para ter um cão desse, por quê? Porque ele, muitas vezes, tenta espelhar nesses animais aquilo que ele gostaria de ser, e aí torna esse animal agressivo, porque ele queria ser agressivo, mas não tem coragem. Então ele transforma o animal, ele prende esse animal no fundo de casa, ele bate nesse animal, isso é maus-tratos também. E uma curiosidade que ninguém colocou aqui: se nós fizermos a estatística, o cão que tem o maior número de acidentes por mordedura é o poodle, não é o rottweiler, não é o dobermann, não é o fila, é o poodlezinho. Só que uma mordida de poodle não dá manchete no jornal, e uma mordida de rottweiler dá manchete no jornal. Isso é uma coisa que nós temos que pensar, vereadora, esse trabalho intenso de conscientização, envolvendo a sociedade civil, as entidades de classe, o poder público, e a questão da chipagem, que a colega aqui colocou também. Não sei se existe uma lei, mas a gente tem que pensar, de repente, na obrigatoriedade de chipagem nos cães. Se eu chego numa clínica veterinária para levar o meu cãozinho, eu teria que ser obrigado a chipar, porque, a partir do momento que eu tenho esse cão chipado, eu tenho como saber quem é o proprietário e tenho como saber quem é que largou aquele cão amarrado no poste, porque ele era agressivo, e fazer com que se cumpra a lei e que essa pessoa responda por esse animal. Essa é uma coisa que eu deixo aqui, de a gente ver a possibilidade de uma lei fazendo a obrigatoriedade da chipagem e um trabalho coletivo na conscientização. Obrigado.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dr. Paulo, representando a Vigilância em Saúde. Passo a palavra para a Sra. Tânia.

SRA. TÂNIA DE MELO BARBOSA SPERONI: Como eu falei, eu sou do Gabinete da Causa Animal e trabalho com a fiscalização, eu trabalho na ponta. Como disse o Casa Nova, eu vou na rua. Como eu falei antes, as denúncias de animais bravios não são muitas, e os recolhimentos são poucos. Quando a gente fala que hoje nós temos 20 cães bravios, a gente tem poucos animais, pode-se

dizer assim, mas não é que a gente só tenha 20 cães no nosso canil. A gente tem um canil com um espaço para mais de 300. E chega: “Ah, esse cão foi atropelado, está todo mundo comovido no Facebook”. A gente recolhe, e o cão fica nosso. Então são 20 cães, a estatística é pouca, porque, realmente, a quantidade de animais bravios denunciados não é muita. Quando a gente vai *in loco* ver: “Ah, tem um cão mordendo todo mundo aqui”. Aí você chega lá, e o cachorro é um fofo, ele mordeu porque o cara passou junto, não gosta de cachorro, quis acuar ele, jogou uma pedra. A gente não vai recolher, porque o cara daquela rua não gosta do cão comunitário, não gosta que o morador de rua fique lá com seu cachorro, não vamos fazer um recolhimento por causa disso. A gente até brinca, uma brincadeira, não sei, mas a gente até pede: “Se o animal é bravio, tem que ter comprovante de mordedura junto ao médico, um BO, aí a gente vai lá e recolhe”. Quando a gente solicita isso, não aparece ninguém que foi mordido, não aparece ninguém que fez BO, ou seja, esse cão nunca existiu. Quando a gente tem 20 cães bravios é muito, porque, infelizmente, esses 20 nunca vão sair de lá, essa é a verdade. Temos feito bastante coisa. Vou aproveitar o Pedro ali, do Kennel Club, vou aproveitar vocês aqui e fazer um pedido: comecem a ver os vendedores da OLX, esses são os nossos piores inimigos, porque eles juntam raças de animais que não têm condições de serem cruzadas, de serem pais, e a gente vai lá numa denúncia, tem um canil terrível de uma raça que tipo um Shi Tzu, que é tipo um dobermann, que é tipo qualquer coisa, mas não são cães de raça. O Pedro, criador, sabe como é o custo de ter um animal hoje em casa nas condições que a gente diz como filho, todo mundo sabe. Aquele criador ali não sabe o que é, consegue vender um cachorro mais barato, as pessoas compram. Esses, sim, são os abandonados, esses são os ferozes e tudo mais. Então acho que a gente, num futuro próximo, começar a pensar sobre a criação de OLX, como o município de São Paulo fez e foi proibida a venda de animais em OLX. É um uma solução muito viável para um futuro.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Muito obrigado. A Ver. Lourdes Sprenger está com a palavra para os encaminhamentos finais.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): Bom, vou tentar resumir, responder alguns questionamentos. Paulo, já tem lei de microchipagem há muito tempo. Nós, como vereadores, não determinamos a obrigatoriedade, não temos esta atribuição, mas tem lei para a microchipagem. Quanto à discórdia aqui de a fiscal dizer que a ressocialização não tem resultado positivo, tem. Eu fiz parte do projeto Ressocializa, em 2010, que tinha 16 animais bravios num canil quando nós não tínhamos secretaria, nós tínhamos a zoonose. E a política da zoonose, antigamente, era saúde pública então esses animais iam para a eutanásia. Então nós fizemos – eu juntamente com o adestrador Cláudio Pinheiro – custeamos esse projeto, salvamos vários pitbulls, encaminhamos para doação. O último, que veio à óbito, durou 10 anos nessa família. Mas com termo de adoção especial do Ministério Público, com acompanhamento; não foi simplesmente abrir a porteira e sair doando animais. Então eu discordo da sua posição, a ressocialização tem, sim – com um bom adestrador, profissional experiente –, solução que não seja de cães neurotizados – como eu, como leiga, falo. O Pedro está bem neurotizado, não tem mais volta. Então, dos encaminhamentos, o que se constatou? Falta albergagens para esses cães, então, como vai ser encaminhado? Eu tenho um projeto piloto – não consegui falar com a Patrícia ainda, mas já falei lá no governo – que eu encaminhei recurso para estudar esse projeto piloto para albergagem em que ninguém tenha resgatado, em que seja caso grave, tem que se tirar, sim, de circulação. Esse acordo inicial no Estado, que foi definido, era: o Estado resgata e o Município acolhe. Mas a gente sabe que tem que ter uma parceria maior. Então o meu encaminhamento é a albergagem. Campanha publicitária, sim. Hoje nós temos a Band que tem uma campanha, mas são campanhas que não são um canhão, eu sei que a Prefeitura tem toda uma população de funcionários e toda essa rede, que é muito importante, para divulgar as adoções e também pedir apoio. Hoje temos as subprefeituras – tem que ser solidária –, nós temos os funcionários, eu sei porque eu trabalhei na Prefeitura. E, na época, eram meio que convocados os funcionários para auxiliarem nas adoções; não vejo esse programa ainda na Prefeitura, chamando parcerias. Nessa campanha muito importante que a

Mônica falou de conscientização, campanha publicitária, não é a campanha que... Nós fizemos campanha quinzenal, mas não é essa. Na nossa, nós atingimos aquela praça, aquele público em volta, é campanha grande mesmo. Chamar a sociedade para os apoios e, senão, para os resgates. As pessoas ligam para nós, nós somos muito pressionados para buscar uma solução, e essa é a nossa angústia. Talvez, às vezes, somos indelicados porque nós não temos também para onde encaminhar. O nosso encaminhamento é a albergagem paga, tudo que nós tivermos que encaminhar é pago então urge essa ampliação, Patrícia, do canil municipal. Já foram iniciadas as tratativas para que nós possamos ter esse fluxo de animais e também a ressocialização, como a gente fez em 2010. Não é uma ressocialização de chegar ali, os animais são umas feras, ficam ali o dia inteiro naquela baia, não tem nem como alimentar, muitas vezes, até os tratadores têm receio. Então tem que ter um tratamento profissional de adestrador com experiência, não só passeio com animais. E eu acho que é isso, porque não deu para falar nas coisas boas. Hoje foi uma pauta pesada, que é o que nos aflige, nós passamos um vídeo daquele animal, mas teve outro na Serraria, em que um dos batalhões nos ajudou, e aí a gente acaba mandando lá para o canil municipal quando tem vaga, ou buscando algum espaço que, às vezes, não é o mais adequado de se encaminhar. Então, dos meus encaminhamentos, era esse, e eu queria também o apoio dos demais colegas para outras sugestões para ficar em ata o que se concluiu hoje.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Com certeza. A Ver^a. Mônica Leal Mônica está com a palavra.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Só quero finalizar dizendo que apoio todos os encaminhamentos da Ver.^a Lourdes porque eu me aconselho com ela, ela é uma entendida nessa área, então, eu assino embaixo.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Muito bem, eu acho que o maior gargalo aqui é a albergagem, esse é o maior gargalo. Quando eu fui conselheiro tutelar,

eu dizia que a rede não se conhecia e eu senti isso hoje aqui. A rede se conhece até, mas de ouvir falar, não estão unidas, eu acho que, se se unirem, vão solucionar muitos problemas.

Eu queria deixar aqui para todos ficarem cientes aqui porque tem muitos aqui da causa animal para saberem que existe uma lei de minha autoria que nós vereadores aprovamos aqui, que é banco de ração e utensílios. Já está funcionando, está lá na causa animal. O prefeito já decretou como funcionar esse banco de ração, só para os senhores saberem. Procurem pesquisar. Quero agradecer a presença de todos, e a luta continua. Que Deus abençoe a todos, uma boa tarde. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h52min.)

TEXTO SEM REVISÃO